

A tradução de *Die Verneinung* para o Português e uma nova hipótese*¹

The translation of *Die Verneinung* into Portuguese and a new hypothesis

Deborah Klajnman*²
Jean-Michel Vives*³

*Os autores realizam, a partir da análise de diferentes versões e traduções do artigo freudiano *Die Verneinung* (1925), uma investigação sobre fundamentais termos e concepções empregados por Freud, possibilitando um novo exame sobre alguns fenômenos clínicos e impasses diagnósticos.*

Palavras-chave: Denegação, neurose, loucura, psicanálise

199

*¹ Artigo baseado na tese de doutorado de Deborah Klajnman, subvencionada pela Capes, com o seguinte título: “Todo mundo é louco, ou seja, delirante: uma concepção desde Freud” e defendida em novembro de 2018 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

*² Doutora em psicanálise pela UERJ com cotutela pela Université Côte d’Azur (Nice, França).

*³ Université Côte d’Azur, Lapcos (Nice, França).

Não é novidade que a obra de Freud é riquíssima, e que a maioria dos seus textos possibilite ainda investigar conceitos e noções de forma mais profunda e interpretá-los de acordo com diferentes leituras. Entretanto, além de sua própria complexidade, há outra questão que merece ser destacada e tratada cuidadosamente quando sua leitura não é feita na língua original, o alemão.

Logicamente, a despeito dos esforços dos tradutores em realizar versões alcançáveis para quem não possui fluência na língua materna do autor, há em toda tradução um desafio de procurar manter-se fidedigna ao conteúdo original, de modo a não comprometer o entendimento da obra. Entendemos, assim, que toda tradução requer muita cautela, pois as dimensões de perda, redução e traição dificilmente deixarão de se apresentar.

Com a obra freudiana, conhecemos, por exemplo, as divergências¹ existentes desde as suas primeiras traduções para o português, realizadas a partir da mediação pelo inglês, e que, aos poucos, vêm sendo acompanhadas de novas edições de tradições feitas diretamente do alemão.

A tradução do texto *Die Verneinung*, de 1925, não deixou de enfrentar tais questões, a começar por seu título, traduzido em francês por *La négation* (Freud, 1925/1992, 1925/s.d. e 1925/2015) e por *La dénégation* (Freud, 1925/1982). Esta última tradução, de acordo com os desenvolvimentos de Jean Hyppolite e Jacques Lacan, sustenta-se por

¹ Destacamos como duas das mais clássicas os termos *Trieb*, traduzido como “instinto” e “pulsão”, e *Verdrängung*, vertido como “repressão” e como “recalcamento”.

se tratar não de uma negação, mas de uma negação da negação — o recalque (*Verdrängung*) é para Freud uma negação, e a denegação é a negação do recalque — como será visto mais adiante. Em português o título foi traduzido por *A negativa* (Freud, 1925/1969f) e por *A negação* (Freud, 1925/2011).² O que também ocorre com a língua inglesa,³ que traz a distinção entre “to negate” e “to deny”, justificando o problema da tradução como uma forma de diferenciar o termo *Verleugnen*,⁴ que também já havia sido traduzido como “to deny”, além do uso do termo “Negation”.⁵

Isso posto, buscamos não apenas realizar uma cuidadosa observação do texto original em alemão,⁶ como também examinar as escolhas feitas na tradução dos verbos *werfen*, *verwerfen* e *introjizieren* e suas substantivações em quatro edições em francês,⁷ uma em espanhol,⁸ duas em inglês⁹ e cinco em português.¹⁰

No segundo parágrafo do texto freudiano, *Die Verneinung*, observa-se a ocorrência do verbo *verwerfen*, conjugado na terceira pessoa do presente do singular: *verwirft*. Reproduzimos, a seguir, esse trecho na tradução coordenada por Pedro Heliodoro Tavares para a língua portuguesa:

201
 vez ou outra podemos conseguir chegar, de uma maneira muito cômoda, a um esclarecimento procurado sobre o recalcado inconsciente. Perguntamos: “O que o senhor considera mais improvável nessa situação? Em sua opinião, o que lhe estava mais distante naquela ocasião?”. Se o paciente cai na

² Não tomamos conhecimento de nenhuma versão da língua portuguesa que tenha se apropriado da sugestão de Jean Hyppolite, *A denegação*, como título.

³ De acordo com a versão da língua portuguesa da Imago (Freud, 1925/1969f) que, como sabemos, é mediada pela língua inglesa.

⁴ Em português, traduzido como “Recusa”, “Renegação”, “Desmentido”.

⁵ Segundo a tradução da The Hogarth Press Limited (1925/1961) e Smith (2000/1925).

⁶ *Gesammelte Werke* (1948).

⁷ Le Coq-Héron (1925/1982), que é a espinha dorsal deste item, e as outras três versões mais recentes: Presses Universitaires de France (PUF) de 1992 (Freud, 1925/1992), Thierry Simonelli de data não especificada (Freud, 1925/s.d.) e L’Herne editions de 2015 (1925/2015).

⁸ Amorrortu (1925/1985).

⁹ The Hogarth Press Limited (1925/1961) e Smith (1925/2000).

¹⁰ Destacaremos as referidas a seguir.

armadilha e nomeia aquilo em que ele menos consegue acreditar, ele acaba, com isso, quase sempre confessando o correto. Uma bela contrapartida a essa experiência se apresenta pelo neurótico obsessivo, que já foi iniciado na compreensão de seus sintomas: “Ocorreu-me outra ideia obsessiva. Imediatamente me ocorreu que ela poderia significar esta determinada coisa. Mas não, não pode ser verdade, senão ela não poderia ter me ocorrido. O que ele *rejeita* (*verwirft*), tomando essa justificativa que ouviu com atenção no tratamento, é, naturalmente, o sentido correto da nova ideia obsessiva. (Freud, 1925/2016, p. 305; grifo adicionado)¹¹

A importância desse trecho decorre principalmente de sua última frase. Em alemão, a frase: “*Was er mit dieser der Kur abgelauschten Begründung verwirft, ist natürlich der richtige Sinn der neuen Zwangsvorstellung*” (1925/1948, p. 12, grifo adicionado) foi traduzida em francês por Thèves e This como “*Ce qu’il rejette en se fondant sur ce qu’il a ainsi entendu de la cure, c’est naturellement le sens exact de la nouvelle représentation obsédante*” (Freud, 1925/1982, p. 11; grifo adicionado). Nessa edição francesa, portanto, *verwirft* é traduzido por *rejette*, e Thèves e This, em seus comentários à tradução, ressaltam a importância do prefixo *ver-* (p. 34), sendo este o paradoxo a que Freud se refere: o paciente rejeita de forma surpreendente o que ouviu em seu tratamento, isto é, ele recua diante da sua própria mensagem e seus efeitos de retorno, o que contribui para a constituição da ideia, com base nesta leitura, de uma operação psíquica distinta daquela própria à psicose, mas cujos efeitos podem ser semelhantes.

Admitida a consideração feita por Thèves e This no trecho anteriormente reproduzido, de pontuar a separação *ver-werfen*, cabe investigar a ação expressa pelo verbo *werfen* como uma das saídas possíveis para o que não é bom para o sujeito ou, em termos lacanianos, como uma das formas de tratar o real. Assim, assinalamos, no quinto parágrafo do texto de Freud, a passagem em que esse verbo é utilizado, e que nos parece ser ainda mais relevante. Reproduzimos do original alemão: “*Das ursprüngliche Lust-Ich will, wie ich na anderer Stelle ausgeführt habe, alles Gute sich introjizieren, alles Schlechte von sich werfen*” (1925a, p. 13; grifo adicionado).

Façamos aqui um trabalho cuidadoso de verificação da mesma frase nas diferentes versões e traduções desse artigo. Theves e This (1982/1925),

¹¹ Optamos pela versão da Autêntica para a reprodução do texto em nosso artigo, pois nos parece a mais sensível em relação à distinção dos termos que estamos investigando e elaborando a nossa hipótese.

contabilizaram o total de 17 traduções da versão original alemã para o francês no período entre 1934 e 1982. Na língua portuguesa, foi possível consultar as seguintes versões: Imago sob a direção geral de Jayme Salomão (1969); Imago coordenada por Luiz Alberto Hanns (2007); Companhia das Letras, de Paulo Cesar de Souza (2011); Autêntica, realizada por Maria Rita Salzano Moraes (2016) e Cosac Naify de Marilene Carone (2014). A seguir, listamos as traduções¹² pesquisadas nas edições em português:

1. “Como demonstrei noutro lugar, o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e *ejetar de si* tudo quanto é mau” (1925/2013, p. 267).
2. “Como demonstrei em outro lugar, o ego-de-prazer originário quer introjetar em si todo o bom e *pôr para fora* todo o mau” (1925/2014, p. 23).
3. “O Eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e *excluir* tudo que é mau, como afirmei em outro lugar” (1925/2011, p. 252).
4. “Conforme expus em outra parte, o Eu-prazer presente no início do desenvolvimento quer introjetar tudo que é bom e *expelir de si* tudo que é mau isto eu quero *pôr para fora*” (1925/2007, p. 148).
5. “O Eu-prazer (*Lust-Ich*) originário quer, como desenvolvi em outro lugar, introjetar-se tudo o que é bom e *jogar fora* (*Werfen*) tudo o que é mau”. (1925/2016, p. 316)

203

Para além das disparidades das traduções do artigo de forma geral, e especificamente da frase em questão, nota-se a grande variedade de palavras ou expressões usadas na tradução do termo *Werfen*: “ejetar”; “pôr para fora”; “excluir”; “expelir” e “jogar fora”. Quer isso dizer que, dentre as cinco versões examinadas, todas são diferentes, e apenas uma mantém, mesmo que em parênteses, a palavra original alemã.

Temos ainda duas versões em espanhol: “El yo-placer originario quiere, como lo he expuesto en otro lugar, introyectarse todo lo bueno, *arrojar* de sí todo lo malo” (1925/1985, p. 254) e “El yo primitivo, regido por el principio del placer, quiere introyectarse todo lo bueno y *expulsar* de sí todo lo malo”. (1925/1968, p. 1134-1135). Duas em inglês que são idênticas: “As I have shown elsewhere, the original pleasure-ego wants to introject into itself everything that is good and to *eject* from itself everything that is bad” (1925/2000, p. 4141; 1925/1961, p. 237).

Nas outras três versões da língua francesa, listamos as seguintes traduções:

¹² Todos os grifos foram adicionados.

1. “Le moi-plaisir originel veut, comme que je l’ai exposé ailleurs, s’introjeter tout le bon, *jeter* loin de lui tout le mauvais” (1925/1992, p. 169).
2. “Le moi-plaisir originel veut, ainsi que je l’ai expliqué ailleurs, introjeter en soi tout ce qui est bon [*Gute*] et *rejeter* de soi tout ce qui est mauvais [*Schlechte*]” (1925/s.d., p. 175).
3. “Le moi-plaisir originel, comme que je l’ai exposé ailleurs, veut s’introjeter tout le bon et *jeter* hors de lui tout le mauvais” (1925/2015, p. 186).

Observemos que a tradução de *werfen* não varia do termo “*eject*”, em inglês, mas varia entre “*jeter*” e “*rejeter*”, em francês. Assim como na língua espanhola, entre “*expulsar*” e “*arrojar*”. Destacamos, portanto, que dentre as traduções e edições pesquisadas, com exceção da língua inglesa, as demais três línguas possuem variações na tradução do termo em questão. Isso, apesar de não nos confirmar nada diretamente, nos chama a atenção.

Tendo realizado detalhadamente tais comparações, indagamos: além do já exposto anteriormente, existe outro ponto relevante, quanto ao trecho e ao termo referidos, que nos fez avaliar tantas diferentes versões? Seguimos no parágrafo em questão para compreender: “Em princípio, o que é mau, o que é *alheio* ao Eu e o que se encontra fora dele é-lhe idêntico” (1925/2016, p. 307, grifo adicionado). Nessa frase, Freud acrescenta uma nota de rodapé sugerindo a sua relação com a discussão apresentada em “As pulsões e seus destinos” (1915/2013) que, por sua vez, aborda um conteúdo que também já havia sido contemplado em 1911. A saber, a passagem de um “eu-prazer” (*Lust-Ich*) para um “eu-realidade” (*Real-Ich*).¹³ Os mesmos conceitos aparecem na referência ao texto “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1969a).¹⁴ Realçaremos, a seguir, estas noções trazendo também o mito da experiência de satisfação que, ao nosso ver, relaciona as questões levantadas (1895/1969a).

Ao consultar o texto de 1915/2013, verificamos que Freud utiliza a mesma palavra que discutíamos há pouco:

O Eu *extraiu* (*wirft*) de si uma parte, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse rearranjo, é restabelecida a coincidência entre essas

¹³ Em uma nota do texto de 1911, Freud afirma que a soberania do princípio de prazer só terá seu fim quando a criança alcançar a separação psíquica de seus pais.

¹⁴ Nestas referências, ele aponta que os conceitos de “eu prazer” e “eu realidade” são abordados em três momentos de sua obra: “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911), “As pulsões e seus destinos” (1915/2013) e dez anos depois no texto de que estamos tratando.

duas polaridades: Sujeito — eu — com o prazer. Mundo exterior — com o desprazer (anteriormente com a indiferença)¹⁵ (p. 55; grifo e primeiro parênteses adicionados).

O emprego do verbo *werfen*¹⁶ já havia sido escolhido por Freud nesse artigo, nove anos antes, para especificar uma forma de exclusão dessa parte do Eu que lhe é ruim. Nesse início da vida mental, o funcionamento psíquico é regido pelo narcisismo, possuindo o autoerotismo como forma de satisfação. Assim, o infans, na tentativa de eliminar, isolar, *werfen* (ejetar), o desprazer e a tensão interna (que mais tarde será compreendida como fome), alucina o seio da mãe (Freud, 1895/1969a). Dessa maneira, o mundo externo divide-se para o *eu* em prazer, o que é introjetado a si mesmo, assim como o seio, e o restante que lhe é alheio, ou seja, o que é desconhecido ao *eu*, o que é desprazeroso e externo, são inicialmente idênticos. A parte do próprio *eu* que é sentida como desprazer é projetada no mundo externo, e assim, a polaridade *eu* e prazer coincidem novamente, tal como mundo externo e desprazer. Parece que, nesse caso, é destacado como destino possível daquilo que é desprazeroso, que foi *werfen*, a projeção; um destino talvez mais definido do que aquele advertido no artigo de 1925.

Conforme verificamos até o momento, um denso conteúdo teórico parece estar envolvido nesse artigo, e por isso nos parece preciso o que Lacan (1959-60/2008) alertou: “Seria preciso prolongar esse estudo da *Verneinung*, como já encetei, pelo estudo da partícula negativa”¹⁷ (p. 81). Seguimos no caminho, retomando o conceito propriamente de negação para continuar a investigação.

A argumentação freudiana provê outro nível de funcionamento da negação, no qual podem ser destacados efeitos da fala sobre o discurso em

¹⁵ Frase em alemão: “Die Außenwelt zerfällt ihm in einen Lustanteil, den es sich einverleibt hat, und einen Rest, der ihm fremd ist. Aus dem eigenen Ich hat es einen Bestandteil ausgesondert, den es in die Außenwelt wirft und als feindlich empfindet. Nach dieser Umordnung ist die Deckung der beiden Polaritäten” (1915/1999, p. 11).

¹⁶ *Wirft*, na língua alemã, é o verbo *Werfen* conjugado no presente, na terceira pessoa do singular.

¹⁷ Especificamente, Lacan realizará aqui um exame da negação feita na língua francesa através dos termos “ne...pas”, destacando que o *ne* poderia ser utilizado sem a função negativa. Destaca também que “A partícula negativa *ne* só aparece a partir do momento em que falo verdadeiramente, e não no momento em que sou falado, se estou no nível do inconsciente” (Lacan, 1959-60/2008, p. 81).

que o paciente “rejeita” o sentido exato da nova representação, que Freud chama de obsessiva. Etimologicamente, a negação se relaciona com as ideias de perda e de falta, podendo, à luz de sua utilização forclusiva, referir-se ao que se exclui da realidade do locutor. Nesses termos, Freud alude nessa passagem à possibilidade de o paciente não admitir uma ideia em análise por meio de uma negação e, para isso, vale-se não do verbo *werfen* (ejetar),¹⁸ e sim do verbo *verwerfen* (rejeitar), o que nos leva inicialmente a perguntar qual seria propriamente a diferença entre eles.

Antes de mais nada, sublinhamos que o termo *werfen* dá origem ao vocábulo *Verwerfen*, segundo a nota de uma das traduções: “*Verwerfen* é derivado de *Werfen*, significando o ato de lançar ou atirar” (Freud, 1925/2016, p. 313). Utilizando um dos sentidos do prefixo *Ver-*, desta vez manifestado no item b “perda ou desaparecimento”,¹⁹ *Verwerfen* poderia, então, indicar o ato de perder aquilo que foi jogado fora? Em alemão, em francês e em português, os dois verbos possuem o mesmo radical, como se pode observar, com maior clareza, em francês e em português por meio do prefixo “re”. Qual, então, a diferença existente entre rejeitar e *rejeter*, de um lado, e ejetar e *jeter*, do outro?

206 Nessas duas línguas, de origem latina, o prefixo “re” comporta a ideia de repetição, retrocesso ou reforço, todavia nem sempre rejeitar quer dizer ejetar novamente. Em um sentido arcaico da língua francesa, também encontrado na língua portuguesa, a palavra *rejeter*/rejeitar tem o sentido de vomitar, isto é, expressa a ideia de algo que, até então no interior, é posto para fora, para o exterior, indicando que se trata não de ejetar algo outra vez, e sim de ejeté-lo em um sentido oposto àquele em que foi recebido, empurrando-o fortemente para fora do ambiente em que se encontrava. Como no aparelho digestivo, em que algo é inserido e pode ser absorvido ou vomitado, o real pode ser digerido e inscrito no simbólico ou cuspidado de diferentes formas. Porque algo é rejeitado, descartado, encontra-se fora, no entanto, quando se trata de ejetar, pode-se jogar para fora do *eu*.

Ao mesmo tempo, o que foi jogado fora pode retornar, ser jogado novamente para dentro, para si próprio; à diferença do que foi rejeitado, que é definitivamente excluído. Trata-se, pois, de dois mecanismos de defesa contra o real: um com a possibilidade de retorno e outro com a impossibilidade de isso acontecer. É importante, todavia, destacar que, mesmo se válida a ideia de

¹⁸ Termo que será minuciosamente trabalhado a seguir.

¹⁹ Capítulo 3, item 3.1, p. 70.

reversibilidade simbólica,²⁰ o mecanismo atrelado à ação expressa em *werfen* pode ter como consequência fenômenos psicóticos que, como vimos, não definem necessariamente uma psicose.

O ponto a ser destacado aqui provém do verbo *werfen* e de suas variações alinhadas a um possível conceito freudiano, perdido nas diferentes traduções e versões do artigo de 1925, e que conformam um ponto-chave para o estudo da estrutura da psicose e dos fenômenos psicóticos, sobretudo à luz de sua diferenciação em relação aos demais mecanismos psíquicos definidos por Freud.

Começemos, então, pelo fato de Freud não utilizar, nessa oportunidade, nem *Ausstossung* nem *Verwerfung*. Ora, ele não teria empregado um desses dois termos porque estaria em jogo justamente outra maneira de tratar o real, distinta tanto do significante quanto do recalçamento ou da rejeição. Seguindo essa linha argumentativa, a ação expressada pelo verbo *werfen* seria uma intuição freudiana abandonada por ele e não retomada por Lacan, o que teria contribuído para a omissão do termo nas versões e traduções de seu artigo de 1925. Haveria também a possibilidade de pensar tal ação como uma forma de retorno de um real que pode ser relacionada, por exemplo, aos fenômenos manifestados na loucura histórica ou mesmo no caso do Homem dos Lobos.

De fato, Lacan não faz referência a esse verbo em sua obra e, conseqüentemente, não o distingue de *verwerfen*. O verbo *werfen*, embora tenha sido traduzido por *ejetar*, na edição brasileira da Imago (Freud, 1925/1969f) não consta nos escritos lacanianos, em que se encontra, preferencialmente, o verbo *rejeter* (rejeitar). Aquele foi reintroduzido na comunidade analítica pela tradução do artigo de 1925 feita por Thèves e This (Freud, 1925/1982), por Alain Didier-Weill (1995) e, em seguida, por Jean-Michel Vivès (2011). Mesmo assim, por meio do estudo que realizamos, pode-se mostrar que a releitura da obra de Freud feita por Lacan também abre caminho, ainda que implícito, para que cheguemos à mesma noção. Vejamos de que modo.

Se a *Bejahung* (afirmação) é a condição para que algo exista, como Lacan destaca em 1954, quando esta não se produz, não há manifestação no registro simbólico. Trata-se, por exemplo, do que ocorre na psicose, mas não somente nela. Na psicose, não há a *Bejahung* do significante do Nome-do-Pai,

²⁰ Concepção que foi desenvolvida também a partir das aulas da disciplina “Seminário avançado de pesquisa”, ministradas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo professor Marco Antonio Coutinho Jorge.

ao passo que, em ocasiões como a loucura histérica, pode não haver a *Bejahung* de qualquer outro significante.

Lacan aborda essa ideia ao falar que, no caso do Homem dos lobos, o plano genital parece não existir (Lacan, 1954/1998a, 1954/1998b), levando à possibilidade de entender que a inexistência da *Bejahung* pode ocasionar um fenômeno psicótico, mas não necessariamente uma psicose. Em outras palavras, o que terá como destino a *Bejahung*, a simbolização primitiva, pode realizar-se ou não e ter diferentes consequências, mas o que toma a via da *Verwerfung* terá outro resultado. Desse modo, os comentários do texto de Freud feitos por Lacan e Hyppolite referem-se a diferentes níveis ou possibilidades da *Behajung*, entre as quais poderia estar a ação expressa pelo verbo *werfen*.

Com base nessa hipótese, podemos pensar em três formas de tratamento do real: a) pela ação expressa no verbo *werfen*, em que se pode tratar o que se encontra irrepresentado, porque ejetado; b) pelo que advém do recalque originário, que diz respeito à Coisa, ao que é irrepresentável; e c) pelo significante, atrelado ao que pôde ser representado simbolicamente.

208

Na primeira possibilidade, trata-se do que se encontra irrepresentado, vale dizer, do que não está representado ou aguarda para ser representado, constituindo a forma de tratamento de um real que não pôde ser nomeável, mas que pode vir a sê-lo.

A segunda possibilidade se refere ao que há de irrepresentável, originado de um real inominável, e que é parte do recalcado a que jamais se terá acesso; pode-se relacioná-lo ao que Freud chama de “umbigo dos sonhos” (Freud, 1900/1969b, p. 556) isto é, o lugar em que o sonho se dirige à marca de um ponto último irredutível à simbolização. Freud se refere a isso com o termo *Unerkannt*, traduzido por Lacan como “jamais reconhecido ou acessado”. Trata-se do que diz respeito à Coisa como objeto perdido e, por isso, irrepresentável, impossível de ser simbolizado, mas que, por ser exatamente real, é essencial à constituição do aparelho psíquico.

Por fim, a terceira forma de tratar o real engloba o que pôde ser representado pelo significante, pelo que foi introjetado ou registrado simbolicamente a partir da *Bejahung*, e que não traria, em princípio, nenhum tipo de sintoma ou fenômeno psicótico.

Em síntese, há, pois, uma parte do real que pode ser nomeada, outra que pode ser, mas não está, e uma terceira que jamais será, ou seja, que se encontra radicalmente rejeitada e diz respeito a um tipo de foraclusão que concerne a todos nós. Essa terceira forma, conceituada como *Verwerfung*, compreende o que não terá retorno de forma simbólica na neurose ou, ainda, o

que foi constitutivo do recalque originário. Apenas o que se submeteu à ação expressa pelo verbo *werfen* na neurose, ou seja, aquilo que foi ejetado, terá a possibilidade de retornar.

Assim, acreditamos que essas formas de abordar os diferentes tratamentos do real realizados pelo sujeito neurótico nos permite responder parcialmente não apenas às questões já levantadas, mas também às diferenças existentes entre a *Ausstossung*, a *Verwerfung* e a ação expressa pelo verbo *werfen*.

O primeiro termo, correlato ao tempo do recalque originário, assinala uma expulsão concomitante à *Bejahung*, ou seja, diz respeito a um “não” ligado a um “sim”. Enquanto algo é afirmado, outra parte disso é expulsa, sendo nesse duplo movimento que o real se cria. O segundo termo expressa uma forclusão, um “não” absoluto que dá origem à psicose, vale dizer, uma ruptura sem tratamento simbólico e que só retorna como real, isto é, sob a forma de vozes, pensamentos e sensações que provêm do exterior por não terem sido inscritas simbolicamente. Na *Verwerfung*, portanto, rejeitam-se as representações que fizeram parte do *eu* e permanecerão para sempre excluídas. Já a ação expressa pelo verbo *werfen* se refere a uma expulsão original reversível que propõe outra forma de designar o real. Numa clínica de continuidade estrutural, essa maneira de expulsão teria como referência o recurso ao Nome-do-Pai num contexto em que as trevas podem tornar-se noite (Didier-Weill, 1995).

No quinto parágrafo do referido texto freudiano, um segundo verbo presente no trecho, *introjizieren*, ajuda a delimitar os contornos da não diferenciação da ação expressa pelo verbo *werfen* seja na obra de Lacan, seja na maioria das traduções do texto de Freud. De fato, não se vê elaborada nelas a distinção entre os pares de opostos *introjizieren-werfen* e *Bejahung-Ausstossung*. Como Didier-Weill (1995) assinala, enquanto o primeiro par põe em perspectiva um limite entre o simbólico e o real, o segundo visa a uma continuidade moebiana entre o simbólico e o real.

Por sua vez, Jean-Michel Vivès (2011) se vale dessa distinção para mostrar que aquilo qualificado como “ruim”, e que se encontra fora do *eu*, também é uma parte deste; vale dizer, a parte relacionada ao desprazer que se inscreve no *eu* como não *eu*, tornando possível uma relação com o mundo em que não se trata mais do bom e do ruim, mas apenas de uma unidade clivada, dividida, que nos aproxima da perspectiva de uma clínica de continuidade estrutural.

Com efeito, esse tipo de clínica se articula plenamente à questão da constituição subjetiva ou à origem do psiquismo humano, como indicado por Didier-Weill (1995):

[...] somos levados a crer que a realidade psíquica é posta em perspectiva uma vez que o *infans*, enquanto sujeito que o Nome-do-Pai supõe advir à palavra, encontra-se na posição de responder à enunciação *fiat lux!*, dando-lhe duas respostas antinômicas e, sem dúvida, simultâneas: primeira resposta, o pré-sujeito atesta o Nome-do-Pai, respondendo-lhe com um “sim”, em que Freud situa a enigmática *Bejahung* originária; por meio de sua segunda resposta, o eu originário contesta a enunciação do Nome-do-Pai, opondo-lhe um “não”, cuja realidade não é a da denegação, mas sim a de uma forclusão traduzida por Freud em seu texto sobre a denegação pelo termo *werfen*. (p. 52)

Em resposta a essa falha estrutural do real, muitas vezes avassaladora, a ideia de que os três processos psíquicos podem servir como recursos para lidar com esse real, a um só tempo traumático e estruturante, tanto ajuda-nos a compreender essa parte complexa da teoria psicanalítica quanto aproxima-nos da clínica. Não por acaso, ela pode ainda nos levar à conclusão de que a noção de forclusão generalizada, tão destacada por Jacques-Allain Miller (1988), encontra-se problematizada na obra de Freud, em particular em seu artigo de 1925, aqui analisado, e nas duas posições do Homem dos Lobos em face da castração, tal como elucidadas por Lacan: uma em que ele a reconhece, e a outra em que ele a ejeta, mostrando que um mesmo sujeito não está, necessariamente, impedido de lidar de formas diferentes com o real estruturante.

Desde o enigma do texto freudiano aos impasses deixados por Lacan, há um fio condutor que nos permite construir este conceito e considerar a *werfen* como um *Hápx*²¹ freudiano. Termo esse que aparece uma única vez na obra do autor e que propomos elevar a um conceito, diferenciando-o do mecanismo próprio da psicose, *verwerfen* do significante do Nome-do-Pai, que tem como consequência aquilo que é irremediável.

Referências

- Didier-Weill, A. (1995). *Les trois temps de la loi*. Paris, França: Seuil.
Didier-Weill, A. (2016). *Qu'est-ce que le surmoi?* Toulouse, França: Érès.
Freud, S. (1948). Die Verneinung. In *Gesammelte Werke* (vol. XIX). Frankfurt am Main, Alemanha: S. Fischer Verlag (Trabalho original publicado em 1925).

²¹ Termo grego para designar uma palavra que aparece uma vez na literatura; neste caso uma vez na obra freudiana.

ARTIGOS

- Freud, S. (1961). Negation. In *The Standart Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIX). Toronto, Canadá: The Hogarth Press Limited, Clarke, Irwin and Co LTD. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1968). La negación. In *Sigmund Freud, Obras Completas* (Vol. II). Madrid, Espanha: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1969a). Projeto para uma psicologia científica. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. I). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1969b). A interpretação de sonhos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. V). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1969c). História de uma neurose infantil. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVII). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1914]).
- Freud, S. (1969d). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XII). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1969e). História de uma neurose infantil. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVII). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1914]).
- Freud, S. (1969f). A negativa. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIX). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1982). *Die Verneinung* (la dénégation). Tradução e comentários de Pierre Thèves e Bernard This. Paris, França: Le Coq-Héron. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1985). La negación. In *Obras completas* (Vol. XIX). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1992). La négation. In *Œuvres complètes* (Vol. XVII, 1923-1925). Paris, França: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1999). Triebe und triebchicksale. In *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet* (vol. X). Frankfurt am Main, Alemanha: Fisher Verlag. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2000, 2007, 2010). Negation. *Freud Complete Works*. Disponível em: <https://www.valas.fr/IMG/pdf/Freud_Complete_Works.pdf>. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2007). A negativa. In *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

- Freud, S. (2011). A negação. In *Obras completas* (Vol. 16 – O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925), São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2013). *As pulsões e seus destinos* (pp. 14-65; edição bilíngue). São Paulo, SP: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2014). A negação. Marilene Carone (tradução comentada do original alemão) São Paulo, SP: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2015). *La négation*. Paris, França: L’Herne Éditions de L’Herne. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2016). A negação. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud* (Vol. Neurose, psicose e perversão; Tradução de M. R. Salzano Moraes). São Paulo, SP: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (s/d.). La négation. Traduit par Thierry Simonelli. Disponível em: <<http://www.psychanalyse.lu/articles/FreudVerneinung.htm#fn1>>. (Trabalho original publicado em 1925).
- Lacan, J. (1998a). Escritos. Introdução ao Comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘Verneinung’ de Freud. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954).
- 212 Lacan, J. (1998b). Escritos. Apêndice I: Comentário falado sobre a “Verneinung” de Freud por Jean Hyppolite. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954).
- Lacan, J. (2008). *O seminário. Livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-60).
- Miller, J.-A. (1988). Clinique ironique: Conférence de d’ouverture de la V Rencontre Internationale du Champ Freudien. *La cause Freudienne*, 23: 7- 14.
- Vivès, J. M. (2011). La place de la voix dans la filiation. *Cliniques Méditerranéennes. Un objet-supposé-savoir: le transfert du psychanalyste sur l’œuvre d’art*, 84: 157-66.

Resumos

(The translation of “Die Verneinung” into Portuguese and a new hypothesis)

Based on an analysis of different versions and translations of Freud’s article “Die Verneinung” (1925), the authors examine the fundamental terms and concepts employed by Freud, which allows casting a new light on some clinical phenomena and diagnostic issues.

Key words: Denial, neurosis, madness, psychoanalysis

ARTIGOS

(La traduction de «Die Verneinung» en portugais et une nouvelle hypothèse)

À partir de l'analyse de différentes versions et traductions de l'article de Freud «Die Verneinung» (1925), les auteurs mènent une enquête sur les termes et notions fondamentaux employés par Freud, permettant un nouvel examen de certains phénomènes cliniques et d'impasses diagnostiques.

Mots clés: Dénégation, névrose, folie, psychanalyse

(La traducción en portugués de “Die Verneinung” y una nueva hipótesis)

Los autores realizan, a partir del análisis de diferentes versiones y traducciones del artículo freudiano Die Verneinung (1925), una investigación sobre términos y concepciones fundamentales empleados por Freud, haciendo posible un nuevo examen sobre algunos fenómenos clínicos y dificultades diagnósticas.

Palabras clave: Denegación, neurosis, locura, psicoanálisis

(Die Übersetzung des Artikels „Die Verneinung“ ins Portugiesische und eine neue Hypothese)

Dieser Artikel analysiert verschiedene Versionen und Übersetzungen von Freuds Artikel „Die Verneinung“ (1925), um das Verständnis der von Freud verwendeten grundlegenden Begriffe und Konzepte zu vertiefen. Dies wiederum ermöglicht es, ein neues Licht auf einige klinische Phänomene und diagnostische Probleme zu werfen.

Schlüsselwörter: Verneinung, Neurose, Wahnsinn, Psychoanalyse

213

Citação/Citation: Klajnman, D., VIVES, J.-M. (2019, junho). A tradução de *Die Verneinung* para o português e uma nova hipótese. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(2), 199-214. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n2p199.3>.

Editoras/Editors: Profª. Dra. Ana Maria G. R. Oda e Profª. Dra. Sonia Leite

Submetido/Submitted: 1.2.2019 / 1.2.2019 **Aceito/Accepted:** 12.2.2019 / 2.12.2019

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

Financiamento/Funding: Este trabalho não recebeu financiamento / This work received no funding.

Conflito de interesses/Conflict of interest: Os autores declaram que não há conflito de interesses / The authors declare that there is no conflict of interest.

DEBORAH KLAJNMAN

Doutora em psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Br) e em Psicologia pela Université Côte d’Azur (França).
Rua São Francisco Xavier, 524/100124 – bloco B – Maracanã
20550-900 Rio de Janeiro, RJ, Br
<https://orcid.org/0000-0002-2429-5582>
deborah.kla@gmail.com

214

JEAN-MICHEL VIVES

Doutor; professor da Université Côte d’Azur, Lapcos (Nice, França).
98, Bd. Edouard Herriot
PB 3209 06204 Nice Cedex 3
França
<https://orcid.org/0000-0002-9493-9945>
jeanmichelvives@gmail.com



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.